

SUJEITO E LÍNGUA: INSCRIÇÃO E CONTRADIÇÃO

Belmira Magalhães¹
Vanise Medeiros²

Toda língua já é em si mesma, aliás, uma arte coletiva de expressão. Oculta-se nela um conjunto dado de fatores estéticos – fonéticos, rítmicos, simbólicos, morfológicos – que ela não partilha inteiramente em comum com qualquer outra língua.
(SAPIR, 1980)

O reflexo artístico está voltado para a criação de uma imagem da realidade capaz de resolver em si o contraste entre essência e fenômeno, entre lei (universal) e caso (singular), despertando assim, no receptor, a impressão de uma unidade espontânea, imediata, inquebrantável: de uma nova realidade – a obra de arte.
(OLDRINE, 2013)

O século XXI se abre com a questão da reforma ortográfica da língua portuguesa, que coloca em cena uma suposta (desejada?) homogeneidade linguística a partir de uma diversidade linguística. Lusofonia é um significante que pretende costurar uma relação entre Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, Timor-Leste e São Tomé e Príncipe, países que têm a oficialidade da língua portuguesa como laço que os agrupa e os faz integrar a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). A lusofonia inscreve sujeitos na relação com uma língua imposta como comum, a despeito das diferenças linguísticas, históricas, sociais e ideológicas, e funciona ainda como argumento que sustenta a mercantilização da língua que se faz prática também nas políticas editoriais, em Portugal e no Brasil, de publicação de livros de literatura em língua portuguesa desses países.

Há um pré-construído entre esses países (a colonização portuguesa) que os une, muito mais que a língua em si, e constrói uma memória discursiva, de um lugar de subalternidade em relação a um pretense «dono da língua». Como assinala

¹ Doutora. Professora Titular da UFAL.

² Doutora. Professora adjunta da UFF; CNPq (bolsa produtividade 2); JCNE (FAPERJ).

Zoppi-Fontana, as «línguas que sempre foram arma de dominação política nos processos de colonização, se tornam na contemporaneidade novo mecanismo de especulação financeira» (2009, p. 37), ou seja, a língua se torna mercadoria e, nesse movimento, trabalha contraditoriamente um sujeito universal (lusófono) que tenta apagar sujeitos singulares. Tomamos como material de reflexão um livro, *Dima, o passarinho que criou o mundo*, lançado em 2013 no Brasil, e indicado, pelo organizador (e um dos autores), como primeiro livro a reunir contos de oito países integrantes da CPLP.

O livro que estamos considerando traz um dado curioso: todos os contos são acompanhados de glossário ao final, inclusive o conto português e o brasileiro (algo que não ocorre sistematicamente). Trata-se de um livro inaugural que produz, entre outros, dois efeitos que destacamos: de simetrização entre países que têm o português como língua oficial (todos precisam de glossário); e da imagem do idioma comum, estruturante, que varia... geograficamente. Como a língua muda – seria o enunciado a sustentar o idioma único em diferentes territórios –, muda também em Portugal e no Brasil. Simétricos, por se ancorarem num mesmo suporte (língua portuguesa) e por sustentarem um sujeito inscrito neste idioma que domina a narrativa. Entram em cena algumas das nossas questões: como funcionam tais glossários? Como se dá a relação língua e sujeito? Quais as contradições?

Glossários se inscrevem na ilusão da desopacização da palavra, como nos avisa Auroux (2008). Mas também nos mostram a tensa relação entre língua, história e sujeito. Em alguns outros livros de escritores africanos³, foi possível observar o glossário funcionando como instrumento de gramatização na língua outra. A colonização linguística, como nos mostra Mariani (2011) em seu estudo sobre Moçambique, impôs um silenciamento à língua do colonizado. Em alguns glossários de autores africanos em língua posta como portuguesa, línguas outras vão comparecendo – línguas sem gramática ou dicionário. E, com isso, podemos observar um duplo movimento contraditório: a gramatização do que vai sendo indicado como língua portuguesa nestes espaços outros; e a gramatização de línguas outras africanas que vão sendo dadas a saber e a conhecer.

³ Medeiros, 2016 (no prelo).

Não nos parece ser o caso dos glossários do livro em foco. Estes surpreendem o leitor na tentativa de explicitar o “sentido” de palavras e expressões. Como se lê no prefácio do livro:

um glossário para palavras que certamente [o leitor] não conhece, podendo dessa forma enriquecer seu vocabulário e confrontar as palavras que conhece com aquelas que, de um país para outro, tomam diferente significação. (GONÇALVES, 2013, p. 9).

Os glossários aí dispostos, para além de se inscreverem na ilusão da desopacização da palavra e, por conseguinte, do texto, significam as línguas dos oito países como uma só, como Língua Portuguesa, a despeito dos espaços outros. E aqui fazemos referência à discussão sobre a proposta de Castello Branco (2013) sobre o espaço para pensar a oficialização da língua portuguesa nestes oito países, que faz parecer tratar-se de uma só língua pensada sem “memórias, historicidades”, sem sujeitos.

Com os glossários, elas comparecem como lugares de acréscimo à língua portuguesa e de mudança de significação das palavras. O *a mais* que presumidamente enriquece o leitor, evidentemente destituindo cada expressão e palavra de sentidos que comparecem no texto literário. Importante assinalar que estamos falando do discurso literário com todas as suas injunções e especificidades.

Nesse sentido, outro aspecto a ser considerado em relação à significação das palavras e expressões pressupõe que a explicação dada pelo editor, no caso do livro em análise, use uma “língua” que será entendida por todos os leitores dos diferentes países que compõem a coletânea. Esse tipo de práxis ideológica busca uma homogeneização em sintonia com outras práticas do mundo globalizado. O apagamento das singularidades é fundamental para o incremento do sistema capitalista contemporâneo, que produz um determinado produto em um país (singularidade) que deve poder ser consumido, se possível, em todo o mundo.

No caso da língua portuguesa, tanto em Portugal como no Brasil, países que disputam poder linguístico e econômico no mundo lusófono e que possuem *status* de países em etapa de desenvolvimento econômico e cultural, reconhecidos mundialmente, não se cogita, na maioria das produções literárias, realizar

glossários. Contudo, nos países africanos, saídos da colonização ainda no século vinte, há a necessidade de a eles impor glossários. Esta é mais uma forma de submeter os escritores desses países a uma pressão para o abandono das línguas nativas que singularizam suas culturas e, mais que isso, na tentativa de silenciar aspectos da realidade dessas sociedades que só fazem sentido nessas línguas: as relações afetivas agregadas aos fatos de uma sociabilidade específica, que só podem ser expressas na singularidade de cada língua, levam ao apagamento do outro/Outro em que se inscrevem os referidos autores.

A tentativa de homogeneização do consumo (mesma língua, mais mercado) acaba por minar a possibilidade de manutenção das singularidades culturais e afetivas, que permitem aos sujeitos se exprimirem do seu lugar social para o mundo. A proposta para enfrentar a dominação e tentar subverter a ordem se dá, na literatura, não de peito aberto, mas com artimanhas.⁴ A preservação das línguas, no caso dos contos analisados aqui, é usada como forma de poder, de controle das atividades da escrita. As narrativas discutem as contradições de sociedades periféricas ao capitalismo através da busca da origem do mundo: todas buscam lendas, mitos que informam ao leitor fragmentos das suas sociabilidades, mostrando a grande dificuldade da inserção dessas sociedades na lógica dos dominantes globais. A temática escolhida por seus autores e as palavras que insistem em participar da narrativa são a forma de buscar uma inscrição do que é a representação literária do lugar em que escrevem. Contraditoriamente, o uso da língua portuguesa demonstra que não é mais possível, nos contos em análise, falar apenas do lugar fundante, pois a colonização maculou o lugar primeiro. O glossário reafirma a dominação que, politicamente desfeita, continua a atuar, constituindo cultural e economicamente um efeito discursivo de preservar a memória da dominação.

Para a análise do discurso, as determinações sociais e o inconsciente são o ponto de partida para a elucidação do sujeito do discurso. Partimos da noção de pré-construído, isto é, há socialmente lugares ideológicos postos que determinaram as

⁴ A Portugal precisam enfrentar as consequências da colonização. Ao Brasil precisam mostrar que as articulações econômicas e culturais, cada vez mais presentes, têm de ser estabelecidas entre países independentes.

possibilidades de o sujeito⁵ se expressar e, ao mesmo tempo, discutimos a relação entre a ideologia, que “exige” o glossário, tentando homogeneizar sentidos, e algo que existe, insiste e persiste, que não se deixa apagar – a história singular, que só pode ser contada pelas línguas primeiras e suas inserções inconscientes, que se fazem linguagem desde a mais tenra idade.

O sentido necessita primeiro irromper a estrutura da cadeia significativa para, quem sabe, ser captado em seu sentido de verdade. É importante frisar que nem se sabe se será captado e se se entenderá este sentido que clama por significar. Do ponto de vista do analista do discurso, essa é a oportunidade de desvelar os silenciamentos de todo discurso. Citamos Lacan:

O que essa estrutura da cadeia significativa revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar “algo completamente diferente” do que ela diz. Função mais digna a ser enfatizada na fala que a de disfarçar o pensamento (quase sempre indefinível) do sujeito: a saber, a de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade. (LACAN, 1992, p. 508).

Assim se fazem os equívocos, os lapsos, os chistes. No caso, por exemplo, os contos fazem furo através da forma literária em cena – o onírico, as lendas, os mitos – que faz conviver o lugar primeiro, fundante de narrativas que o constitui com o lugar a eles destinado na atualidade. Ademais, se inscrevem na língua dominante participando do mercado a partir de suas singularidades fundantes. Ocupam, assim, um lugar possível outro na contemporaneidade.

Neste trabalho, questões nos moveram. Por que glossários em livros de literatura, ou seja, em livros que trabalham o fogo polissêmico da palavra? Diremos que está em jogo a mão do discurso mercadológico impondo políticas linguísticas que apagam línguas com a homogeneização, aliada à força de um discurso globalizante – centrado num sujeito universal – que acirra um suposto “tudo é igual em qualquer lugar”. Voltando ao texto, as palavras dispostas no glossário são marcadas em negrito no corpo. E aqui trazemos sequências de dois contos com seus respectivos glossários:

⁵ Sujeito determinado pelas relações sociais de produção de uma certa sociabilidade e todo o aparato ideológico jurídico-político que reproduz essa relação.

Jantamos num ambiente agradável. A tia a falar da **machamba**, o tio, do seu dia no trabalho, eu e os primeiros, da escola. (OUANA, Miguel. In: GONÇALVES, 2013, p. 74; negrito do autor).

Jussa, o **guarda-redes** da equipe, disse. (OUANA, Miguel. In: GONÇALVES, 2013, p. 75; negrito do autor).

Glossário:

Machamba: terra de cultivo, fazenda. (OUANA, Miguel. In: GONÇALVES, 2013, p. 84)

Guarda-redes: goleiro. (OUANA, Miguel. In: GONÇALVES, 2013, p. 84)

Mesmo assim, fora lá que ele nascera, nesta mesma **tabanca** de Ancoio, numa madrugada de chuva em que um raio atravessou de alto a baixo um **poilão** que se erguia à saída da tabanca, a pouca distância da casa de palha onde a sua família dormia. Fendida em dois até as raízes calcinadas, a descomunal árvore abateu-se com tal estrondo (...). (FERNANDES, Andrea. In: GONÇALVES, 2013, p. 59; negrito do autor).

Esta era, pois, a sua terra, o chão que o viu nascer. Ninguém podia fazer-lhe mal – ele era o **filho do chão**. (FERNANDES, Andrea. In: GONÇALVES, 2013, p. 60; negrito do autor)

Glossário:

Tabanca: aldeia, povoado. (FERNANDES, Andrea. In: GONÇALVES, 2013, p. 68)

Poilão: árvore de grande porte e copa frondosa, originária da Guiné-Bissau. (FERNANDES, Andrea. In: GONÇALVES, 2013, p. 68)

Filho do chão: natural da terra (neste caso, da aldeia de Ancoio). (FERNANDES, Andrea. In: GONÇALVES, 2013, p. 68)

No primeiro recorte, do conto de Ouana, a palavra machamba só pode ser explicada a partir do que é anunciado antes “– Jantamos num ambiente agradável”. Um sobrinho que chega e é bem recebido. Não é uma fazenda qualquer a que a tia se refere, mas a fazenda dela. A afetividade se insere e pede passagem, fura a opressão da língua e da ideologia. Do mesmo modo, o guarda-redes não é o goleiro do futebol internacional, mas o jogador do time local.

No conto seguinte, ficamos sabendo da “descomunal árvore”, poilão, que se abateu com o estrondo e da tabanca, aldeia, indicando o lugar onde nasceu. Novamente aí a afetividade que se inscreve na nomeação que grita filho do chão. Tabanca, poilão, filho do chão significam em outra ordem de dizeres distinta do glossário: da lembrança, do poético, da nomeação que confere sentidos à vida e que dela nos diz.

Para encerrar, é preciso lembrar que trabalhar com glossários é trabalhar com o político na língua. Nestes, a ilusão que se faz é a da mudança do nome na “mesma língua” supondo uma equivalência entre as coisas e os sujeitos como se pode ler no verbete mancarra do glossário:

Mancarra: Amendoim. Por curiosidade, em Angola o amendoim é chamado de “ginguba”, em Moçambique, de “mendoinha” e no sul de Portugal tem o nome de “alcagoita”. (FERNANDES, Andrea. In: GONÇALVES, 2013, p.68)

REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. Listas de palavras, dicionários e enciclopédias. O que nos ensinam os enciclopedistas sobre a natureza dos instrumentos lingüísticos. *Revista Língua e Instrumentos Lingüísticos*, n. 20, Campinas: Pontes, p. 9-23, 2008.

CASTELLO BRANCO, Luiza K. *A língua em além-mar: sentidos à deriva – o discurso da CPLP sobre língua portuguesa*. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP, 2013.

GONÇALVES, Zetho. *Dima, o passarinho que criou o mundo*. SP: Melhoramentos, 2013.

LACAN, Jacques O *SEMINÁRIO: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1992.

MARIANI, Bethania. Língua, colonização e revolução: discurso político sobre as línguas em Moçambique, In: ZANDWAIS, A, ROMÃO, L (orgs.) *Leituras do político*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, pp. 105-126, 2011.

MEDEIROS, Vanise, Cartografias das línguas: glossários para livros de literatura. *Revista Alfa*, no prelo.

OLDRINE, Guido. Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács. In: *Para uma ontologia do se social*. II São Paulo, Boitempo, 2013

SAPIR, Edward. *A linguagem*. SP: Perspectiva, 1980.

ZOPPI-FONTANA, Monica. *O Português do Brasil como Língua Transnacional*. Campinas: Estante Ametista, 2009.